

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS JUNTO A ADOLESCENTES COM ADOECIMENTO PSÍQUICO PELA DEPENDÊNCIA DE INTERNET NA ATENÇÃO BÁSICA

Isabele de Andrade Santos; Luciene do Bu Lourenço; Alex Vandr do Nascimento; Carla Emanuelle da Silva Pereira Costa; Halline Iale Barros Henriques

Centro universitário do vale do Ipojuca – Unifavip / Devry Brasil

E-mail: psicologiaartigos2016.1@gmail.com

RESUMO: Trata-se de um estudo bibliográfico que tem como objetivo problematizar como o uso inadequado da internet vem gerando dependência em um grupo específico de pessoas, adolescentes e jovens, acarretando adoecimento psíquico. Objetiva-se também discutir a técnica de mediação de conflitos como um instrumento de prevenção, proteção e recuperação da saúde psíquica do adolescente e jovem. O uso da mediação de conflitos visa mostrar as pessoas dependentes dessa tecnologia, que a mesma pode fazer parte do seu cotidiano sem prejudicá-lo; e para isso é preciso fazer com que esses busquem entender a extensão dos danos que causam a si mesmo, trazendo um adoecimento não só psíquico, mas também social e biológico. Essa etapa do desenvolvimento humano requer uma atenção minuciosa, pois esses jovens estão em busca de suas identidades e autonomia, tais processos se constroem a todo o momento na vida do sujeito. No entanto, perpassa muitas vezes por uma construção geradora de conflitos e nesse caso, atrelado ao sofrimento causado pela dependência da internet, que se constitui em um mecanismo utilizado por eles para efetivar suas identidades e conquistas de autonomia. Os estudos apontam que os adolescentes e jovens com parentalidade permissiva e indiferente tendem a passar mais tempo na internet utilizando-a como fuga da realidade. Esses buscam então nas tecnologias um lugar que ofereça refúgio e atenção, e na grande maioria das vezes esses refúgios perpassam o uso descontrolado e excessivo das redes sociais que se interconectam com outra realidade, o mundo virtual.

Palavras-chave: Dependência tecnológica; sofrimento psíquico; adolescentes; mediação de conflitos.

1
2

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz à temática da tecnologia que está intrinsecamente ligada a vida cotidiana do ser humano, fazendo parte do desenvolvimento biopsicossociocultural. Ela amplia e

facilita o acesso a informações e aproxima as pessoas virtualmente. Para os adolescentes e jovens é algo considerado essencial, onde podem fazer várias atividades ao mesmo tempo como ouvir músicas, fazer trabalhos escolares, se comunicarem e se atualizarem.

Frente a esse contexto atual, se observa que as relações humanas passaram

a ser virtualizadas em uma maior proporção, em detrimento as relações face a face. Nesse sentido, os adolescentes e jovens são atraídos por esse mundo virtual, causando, muitas vezes, várias situações de adoecimento psíquico, como: estresse, isolamento, ansiedade, e insatisfação constante.

É mais fácil viver em um mundo que acolhe suas demandas subjetivas, contrário ao mundo real, que exige responsabilidades e cobranças, e que muitas vezes não oferece acolhimento ao ser adolescente. No mundo virtual, ele pode ser quem ele quiser, suas questões existenciais são amparadas multiplamente, enquanto que na vida real os processos são menos flexíveis e desamparados.

Nesse sentido, os jovens optam por postar e dividir nas redes sociais (*Facebook, Instagram, Snapchat, Tinder*, dentre outras) fatos, emoções ou mesmo partilhar experiências que acabaram de ter momentos atrás com seus colegas. Uma pesquisa canadense, no campo da teoria cognitivo comportamental, mostra que em média um adolescente tem 2500 amigos virtuais embora apenas 10% destes um dia chegaram a ser conhecidos pessoalmente (RANGÉ, 2011).

Aprender a conviver socialmente com as pessoas, significa construir

habilidades inerentes ao humano, desenvolver uma maior consciência e responsabilidade social, familiar, desenvolvendo empatia, apreciação pela diversidade, respeito pelos outros e espírito de solidariedade.

Segundo Bauman (2001) não é de admirar que a proximidade virtual tenha ganhado preferência e seja praticada como maior espontaneidade do que qualquer outra forma de contato social. Desse modo, a solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição mais segura, menos arriscada do que compartilhar o ambiente doméstico comum.

O conceito de intimidade ganhou novas dimensões, por exemplo, o adolescente é incapaz de partilhar maiores detalhes de sua intimidade pessoal com familiares e amigos da escola, mas não se inibe nem um pouco em postar nas redes sociais seus “confessionários eletrônicos” e trazendo detalhes de suas experiências sexuais, para que alguns milhões de pessoas possam ter acesso irrestrito.

Este tipo de contradição a qual se deparam os jovens e adolescentes pode ser entendida como uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento do protagonismo do sujeito contribuindo no aperfeiçoamento cognitivo, emocional e social. No entanto, pode ser entendido

também, a depender do sentido que esses adolescentes e jovens atribuem a esse contexto interacional, como algo geraDOR de sofrimento e fuga da realidade e é sob essa perspectiva que estamos interessados.

A internet enquanto processo geraDOR de sofrimento psíquico

Toda transformação que atinge uma grande quantidade de pessoas, exige uma adaptação da sociedade para conviver e lidar com tais mudanças de maneira saudável e consciente. Com a presença da tecnologia na era moderna e pós-moderna não seria diferente. A sua inserção no cotidiano das pessoas se constituiu por uma ruptura de padrões que estavam presentes em dado momento, e que nessa nova era se encontram em construção, com as características de seu novo espaço desterritorializado e de seu novo tempo, rápido e intenso.

O cenário contemporâneo possibilita o que o homem conheça extensiva e profundamente, cada lugar do mundo, suas culturas, seus modos particulares de convivência, e mais, ter convívio em espaço e tempo real, interconectado através da internet. Para o

adolescente contemporâneo, que já nasceu imerso nesse meio, essa adaptação não se dá de forma natural, mas construída sócio culturalmente, de modo que quando as relações são apresentadas a eles, elas já se encontram historicamente virtualizadas, assim o mundo que se apresenta a eles está conectado à eletricidade, cabos e internet. O contato de face a face se estendem ao smartphones, tabletes, aparelhos celulares, dentre outros.

O mundo virtual lhes é apresentado como um universo de múltiplas possibilidades de ser no mundo e essa particularidade é o que o atrai.

Além do aspecto da multiplicidade, o elemento da facilidade também está presente, seja pelo acesso a milhares de informações dentro de segundos, em tempo e espaço instantâneos, onde basta um clique para saber sobre os mais variados assuntos, transitando entre informações que logo se perde o interesse. Essa geração fica entediada com maior frequência pela “facilidade” de buscar o novo, seja uma fofoca no *Facebook*, uma música, ou qualquer coisa que esteja ao seu alcance e faça parte da sua realidade virtual. Assim a multiplicidade e facilidade gerada pela virtualidade intensa pode gerar falta de paciência e dificuldade de manter-se focado.

Em uma publicação na revista Super Interessante feita por Claudia Castelo Branco (2012), mostrou uma pesquisa onde mostra que o Brasil é líder mundial em tempo gasto na internet, estima-se que 5% dos usuários sejam viciados, outra informação é que dois terços dos adolescentes norte-americanos sofrem com a síndrome da vibração fantasma, ou seja, sentem a vibração do aparelho eletrônico, mesmo não estando com o mesmo. O psicólogo Cristiano Nabuco (2013), especialista em distúrbios da internet, fala que dependendo do estado de humor de um internauta, o uso da internet pode ser como uma “automedicação” emocional, um meio de refugio e se distrair dos problemas pessoais reais, não conseguindo mais se distanciar do mundo virtual.

Essa exposição frequente do adolescente ao meio virtual sem orientação ou regulamentação afeta o seu desenvolvimento, principalmente os aspectos afetivos e sociais. De modo que, as formas de se relacionar nas redes sociais valorizam os aspectos positivos do ter atrelado a lógica do consumo. Vale ressaltar o ter ao quais as redes sociais preconizam remete a uma lógica do ter muitos amigos, sempre ter uma elevada autoestima, etc. Assim, os adolescentes

que estão construindo o seu autoconceito querem ser reconhecidos pelo princípio do ter, e, por conseguinte, o reconhecimento no mundo virtual se dá através dos “likes” e “seguidores”. A ausência desses elementos ou a experiência deles em pequena quantidade gera no adolescente frustrações, sensações essas que não são mediadas pelo computador ou internet.

Em uma pesquisa feita por Loudes Estévez (2003), realizada de acordo com o sexo dos internautas revela que: as mulheres usam mais os jogos solitários (39%), chats (36%) e jogos de aposta (36%). Os homens por sua vez buscam na maioria das vezes serviços de sexo (84%), chats (36%) e jogos de apostas (35%). 78% são compostos por pessoas menores de 35 anos e o grupo que esta significativamente superior ao outro, está na faixa de 14 a 18 anos. 62% das pessoas de ambos os grupos se mantêm conectadas por mais de 30 horas semanais. Este uso compulsivo da internet, em que há dificuldades em controlar seu uso, perpassa por uma constante busca de prazer e impulsividade, mostrando que essa relação desperta uma série de problemas de ordem psíquica, social e biológica, tais como: alienação, inércia, ansiedade, intolerância, isolamento, individualismo, depressão e em casos mais extremos o suicídio.

Esses adolescentes se encontram em uma busca da tão almejada identidade e reconhecimento por parte do mundo dos adultos que acabam projetando essa necessidade ao mundo virtual com todas as facilidades e fugas da realidade que esse mundo oferece, passando a vivenciar conflitos entre as funções que é do mundo real e do mundo virtual. Tais conflitos podem gerar consequências devastadoras, caso não seja mediado.

Muitos são os termos utilizados na área científica para definir a dependência causada pelo uso abusivo de computadores: internet addiction, pathological internet use, internet addiction disorder, internet dependency, entre outros.

Um jovem inseguro encontra na tecnologia um canal aberto para vivenciar e construir sua intimidade com outras pessoas. Por medo de sentir-se rejeitado e humilhado, muitas vezes não percebe o contato real como possibilidade de envolvimento com outras pessoas. Em contrapartida não temem a auto exposição pelas redes, nas quais divulgam onde moram, por onde andam e com quem estão sem se importar até mesmo com a sua segurança, expondo detalhes reais da sua vida e utilizando-se de sua imagem.

É a partir dessa auto exposição que muitos adolescentes são vítimas de

bullying e/ou *cyberbullying*. Bullying é conceituado por Edésio Santana (2013) como sendo um conjunto de ações presenciais, agressivas, intencionais e repetitivas praticadas por uma ou mais pessoas contra alguém, sem motivação aparente, causando-lhe sofrimento. Os praticantes deste ato têm como objetivo causar sofrimento, constrangimento e hostilizar a vítima, utilizando questões físicas ou de situações pessoais das mesmas. Com o avanço tecnológico, estes se beneficiam do anonimato ou da forma rápida em que os arquivos avançam e se espalham para outros internautas, para praticar tais atos por meio das redes sociais, sendo este uma prática de Cyberbullying.

Tais situações geram isolamento e depressão, dificultando a vida social e acadêmica dos adolescentes, e em casos mais graves, suicídio e automutilação.

O uso excessivo da tecnologia provoca uma extrema dependência provocando dificuldade em concentração, interação e ansiedade, onde o jovem quando se vê sem a internet se torna estressado e ansioso chegando a se tornar agressivo, seja ofendendo ou agredindo as pessoas que estão a sua volta ou destruindo objetos. Os sintomas da abstinência que os jovens experimentam são parecidos com o mesmo sofrido por quem utiliza drogas.

Uma pesquisa feita pela Universidade de Maryland, nos EUA (2011), avaliou 1.000 alunos com idades entre 17 e 23 anos, em dez países, onde fizeram eles ficarem 24 horas sem utilizar aparelhos eletrônicos, 79% dos avaliados apresentaram desconforto, confusão, isolamento, dentre outros sintomas que são comparados aos dependentes químicos em abstinência, chegando a sentir estresse por não poder tocar no aparelho.

Para Fortim (2013), a internet aparece como um espaço transicional, onde há um aspecto ilusório que não sai do computador e, ao mesmo tempo um aspecto real, que favorece emoções e sentimentos verdadeiros, sendo que para o usuário, isto não é proporcionado na vida real. Os dependentes relatam sofrer por terem este problema e buscam orientação pela incapacidade de deixar o uso pela cobrança dos familiares devido à ausência deles no convívio social.

No que concerne ao aspecto físico do desenvolvimento do adolescente, muitas questões são prejudicadas com o uso excessivo de internet, tais como: a postura se torna curvada, surgem problemas oculares a partir da intensidade e iluminação utilizada, alguns transtornos do sono como a insônia são desenvolvidos, o sedentarismo, entre outros.

De acordo com Young Yue e Ling (2011) dependência é definida como compulsão habitual em realizar certo tipo de atividade ou usar certas substâncias que trazem consequências devastadoras para a saúde física, familiar, social e psíquica de uma pessoa. Surgem dificuldades claras dos usuários se adaptarem a reação, trazendo assim um ciclo disfuncional de enfrentamento dessa situação.

Pesquisa realizada por Young Yue e Ling (2011) junto a 555 adolescentes, teve por objetivo principal identificar o que gerava a dependência de internet. Os principais resultados partem de três pontos específicos: o reflexo direto do padrão de interação entre pais-filhos quase escasso; esse tipo de relação parental gera ansiedade social; a ansiedade e a insatisfação interpessoal gerada, desenvolvem impactos sobre a dependência de internet e sua gravidade.

Esses resultados mostram que fatores de vulnerabilidade familiar, parentalidade indiferente e permissiva, são fatores que ajudam diretamente na dependência e adoecimento psíquico.

O acesso à internet por pessoas compulsivas, muitas vezes, é uma forma de evasão da realidade, ou seja, uma forma de obtenção de prazer, distração e alívio de problemas. Elas têm a sensação de estabilidade e controle sobre os

relacionamentos virtuais e temem não serem aceitas caso se exponham de verdade. Normalmente, os usuários acreditam manter sob controle a interação virtual, porém na vida off-line, não têm o mesmo poder. No entanto, a grande problemática está justamente, no fato dos dependentes terem a vida restrita à internet e, ao contrário do que imaginam, são controlados pela mesma (FORTIM, 2013).

Lemos, Abreu e Sougey (2014 apud YOUNG, 2011) destaca os sintomas apresentados por dependentes de internet, tais como: busca aumentar o tempo e a frequência de uso da internet, frustração por não conseguir controlar o tempo online; cansaço, irritabilidade e instabilidade quando diminui ou cessa o uso da Internet; planeja seu uso por certo tempo e sempre prolonga este período e utiliza este meio como forma de fuga dos problemas cotidianos. Além destes, ocorre o comprometimento das relações pessoais pelo uso excessivo da internet.

Os usuários compulsivos expressam sentimentos controversos antes, durante e após o uso da internet. Alívio, irritação, mau humor e tensão aparecem quando o indivíduo tenta manter-se off-line. Durante o uso, estudos apontam a ansiedade, medo e prazer como os sintomas mais comuns. Sentimento de

culpa e vergonha por afastar-se de amigos e familiares; por deixar de cumprir seus compromissos e/ou por não conseguir se controlar são fatores observados após o uso da internet (FORTIM, 2013).

As mudanças comportamental e emocional que podem ser encontradas neste tipo de vício, segundo Lemos, Abreu e Sougey (2014) são: pensar que algo ruim vai acontecer se não estiver conectado; achar que ficou menos tempo online do que realmente ficou; preocupação com o momento em que estará conectado novamente e recusar o fato de ser dependente em internet.

A mediação de conflitos junto à adolescentes na atenção básica

Objetiva-se também com este trabalho pensar a proposta das práticas auto compositivas inanimadas, bem como as técnicas utilizadas na Mediação de Conflitos, como instrumento de trabalho do psicólogo, no contexto da Saúde Mental de adolescentes e jovens, nas Políticas Públicas de Saúde. Acredita-se que essa proposta se torna pertinente à medida que a Estratégia de Saúde da Família se consolida no exercício profissional do psicólogo junto ao Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

A mediação de conflitos surge como uma ferramenta que proporciona a comunicação, consenso, interação e promoção de bem-estar entre dois ou mais indivíduos envolvidos no conflito (MELLO; RAMIREZ, 2005, p. 159). Assim sendo, é possível mediar conflitos familiares no contexto jurídico através das Câmaras de Conciliação, Mediação e Arbitragem.

Diversos tribunais brasileiros têm organizado treinamentos, workshops, aulas, grupos de apoio, oficinas, entre outras práticas para orientar o jurisdicionado a resolver melhor seus conflitos. Esses treinamentos incluem-se na perspectiva das práticas auto compositivas inanimadas que são proposta de trabalho em torno da prevenção de conflitos, tais como: oficinas de parentalidade, oficinas de abordagem e auxílio a dependentes químicos, de resolução de conflitos familiares, oficinas de abordagens não mediativas de prevenção da violência familiar, círculos restaurativos, negociações assistidas para a resolução de questões cíveis em contextos de violência familiar, entre outros (BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2015, p. 25).

Cabe mencionar que as práticas supracitadas não se encaixam na definição

de processos auto compositivos, mediação, conciliação ou negociação. Por este motivo, recebem a nomenclatura genérica de práticas auto compositivas inominadas. Vale resguardar também que a proposta de atuação em questão não é de cunho jurídico como ocorre nas Câmaras de Mediação, Conciliação e Arbitragem, tendo em vista as particularidades das Políticas Públicas de Saúde e os conflitos familiares pertencentes ao território de abrangência do Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

A mediação de conflitos tem como propósito a solução conflitos, que expresse uma nova postura social e uma aproximação das partes para um acordo com a satisfação dos interesses e das necessidades envolvidas. Buscar o equilíbrio dos sentimentos e focalizar o conflito e solucioná-lo são os objetivos da mediação (AMARAL, 2008)

Nesse caso específico, buscar mediar o conflito que o adolescente tem em depender da tecnologia para construir suas identidades e processos de autonomia, esclarecendo-o que a mesma pode estar envolvida no cotidiano sem prejudicá-lo é o propósito desse artigo. É preciso fazer com que o jovem busque entender a extensão dos danos que causam a si mesmos e o quanto é importante à interação real com o outro.

A ideia é fazer com que o adolescente veja o problema e tente solucioná-lo, pois ele é o construtor do seu conflito.

A família e a escola podem ser as instituições de referência a mediarem esse tipo de conflito, pois os adolescentes que estão em vulnerabilidade têm mais contato e convívio nessas instituições, onde as mesmas podem aprender e posteriormente desenvolver técnicas que se apliquem a demanda dos adolescentes que estão em conflito e adoecimento psíquico por dependência de internet.

A mediação de conflitos pode se utilizar de técnicas, tais como: Geração de perguntas, opções de resoluções, o afago e normatização do caso, dentre outras (MALDONADO, 2008).

O Empoderamento (Empowerment) é um conceito de autodeterminação buscando o aspecto positivo, capaz de permitir o amadurecimento individual, multidimensional que significa delegar poder, que na mediação tem como objetivo ajudar o indivíduo a ser mais independente, gerar autoconfiança, senso de governabilidade e de controle sobre suas forças pessoais e sociais (BLOGGER, 2014).

Nessa direção, o mediador irá

esclarecer ao adolescente que ele tem capacidade de solucionar seus conflitos de forma reflexiva e produtiva.

Os conflitos fazem parte da vida das pessoas, até mesmo nos relacionamentos mais harmônicos. No decorrer do dia há vários momentos em que se desenvolvem acordos na família, na escola e no trabalho. Apesar da prática em lidar com essas divergências, a família e a escola podem aprender a resolvê-las de modos mais eficazes.

Diante disso, a mediação parte do princípio que o conflito pode desenvolver funções psicológicas superiores, tais como criatividade, passando este a ser um bom conflito (MALDONADO, 2008).

O mediador deve funcionar em alguns momentos como um guia, ele não determina ou controla a situação do conflito, mas conduz para que o adolescente/jovem se questione e perceba os pontos que vieram a acarretar tal conflito e perceba que há várias possibilidades de solucioná-los.

Para que se tenha uma boa escuta, como prestar atenção na outra pessoa, nos seus sentimentos e emoções, demonstrar que realmente está interessado em ouvi-la e ajuda-la, buscar entender olhando do seu ponto de vista, sem fazer interrupções, julgamentos ou reprovação. O mais importante é ter empatia. Buscar entender

seus interesses e tentar mostrar que ele é capaz de ir além do que ele vive agora. A finalidade é que o adolescente perceba que é o responsável e que pode conseguir chegar a um consenso sem parecer que é uma obrigação ou para agradar o outro (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2014).

Isto acaba trazendo relaxamento e melhoria de autoestima, gerando o aumento de possibilidades na busca de soluções. A escuta é benéfica, cria um clima de confiança, de melhoria do entendimento e compreensão, além de permitir uma boa conexão com a outra pessoa.

CONCLUSÃO

A introdução da tecnologia na vida dos adolescentes e jovens amplia seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial, por um lado, proporcionando assim processos de autonomia e protagonismo social. Mas, por outro lado, quando o uso tecnológico, especialmente da *internet* se torna abusivo, há possibilidades de desenvolver dependências e prejuízos no desenvolvimento biológico, afetivo e social.

O NASF pode ser a porta de entrada para se pensar na saúde mental de

adolescentes através de trabalhos grupais impulsionados pelos psicólogos da saúde, seja nos postos de saúde, nas comunidades ou escolas. A proposta deste artigo é pensar as práticas auto compositivas inanimadas, bem como as técnicas utilizadas na Mediação de Conflitos, como instrumento de trabalho do psicólogo, no contexto da Saúde Mental de adolescentes e jovens, nas Políticas Públicas de Saúde.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Conselho Nacional de Justiça. Azevedo, André Gomma de (Org.). Manual de Mediação Judicial, 5ª Edição (Brasília/DF:CNJ), 2015.
- Cruz, R. M; Maciel, S. K; Ramirez, D. C. O Trabalho do Psicólogo no Campo Jurídico. In: Müller, Fernanda. Insuficiência da justiça Estatal, mediação e conflito. Editora: Casa do psicólogo, São Paulo, 2005.
- Rangé, Bernard. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um Diálogo com a Psiquiatria. Editora: Artmed, Rio de Janeiro, 2011.
- Bauman, Z. Modernidade Líquida. Editora: Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- Ling, Young Yue. Aspecto psicológico por uso patológico de internet. Editora Universo dos Livros, 2011.

Santana, Edésio T. Bullying e cyberbullying: agressões dentro e fora das escolas: teoria e prática que educadores e pais devem conhecer. Editora: Paulus, São Paulo, 2013.

Maldonado, Maria Tereza. O bom conflito juntos buscaremos a solução. Editora Integrare, São Paulo, 2008.

Amaral, Márcia Terezinha Gomes. O direito de acesso à justiça e a mediação. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Direito e Políticas Públicas) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do UniCeub, Brasília.

Conselho Nacional do Ministério Público. Diálogos e mediação de conflitos nas escolas guia prático para educadores.

Disponível em:

http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Comissoes/CSCCEAP/Di%C3%A1logos_e_Media%C3%A7%C3%A3o_de_Conflitos_nas_Escolas_-

[_Guia_Pr%C3%A1tico_para_Educadores.pdf](#)

Acessado em: 30 de abril de 2016.

Bastos, Eduardo Gonçalves. Empoderamento – indo além do acordo.

Disponível em:

<http://mediacaojudicial.blogspot.com.br/2014/02/empoderamento-transformando-pessoas.html>

Acessado em: 31 de abril de 2016.

Brando, Claudia Castelo. Internet Vicia?

Disponível em:

<http://super.abril.com.br/ciencia/internet-vicia>

Acessado em: 20 de maio de 2016.

Dr. Nabuco, Cristiano. O uso da internet como fuga da realidade.

Disponível em:

<http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2013/08/02/o-uso-da-internet-como-fuga-da-realidade/>

Acessado em: 20 de maio de 2016.

Ballone GJ, Moura EC. Compulsão a Internet.

Disponível em:

<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=104>

Acessado em: 21 de maio de 2016

Moura, Yuri. Dependência do celular já é uma nova fobia.

Disponível em:

<http://jornalismo.iesb.br/2015/03/27/dependencia-celular-ja-e-uma-nova-fobia/>

Acessado em: 21 de maio de 2016.

Teixeira, Carina Rabelo Dias; Ker, Mariana Gama. Aspectos Psicopatológicos da Dependência da Internet.

Disponível em:

<https://psicologado.com/psicopatologia/transtornos-psiquicos/aspectos-psicopatologicos-da-dependencia-da-internet>

Acessado em 29 de maio de 2016